

39 | COLEÇÃO DE FILMES PNC

LINHA VERMELHA

JOSÉ FILIPE COSTA



Coleção de Filmes PNC

Iniciativa conjunta das áreas governativas da educação e da cultura, o Plano Nacional de Cinema (PNC) é um programa de literacia para o cinema junto do público escolar, operacionalizado pela Direção-Geral da Educação, pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema e pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual.

O cinema dá a conhecer novos mundos, contextos e realidades, e permite explorar temas como democracia, inclusão e diversidade. Tendo como referencial curricular base o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, os dossiês pedagógicos do PNC apoiam o trabalho dos docentes na formação de públicos escolares, permitindo-lhes adquirir os instrumentos básicos de compreensão de obras cinematográficas e audiovisuais, possibilitando a criação do hábito de ver cinema ao longo da vida, e valorizando o cinema enquanto arte junto das comunidades educativas.

Autor

Paulo Cunha é docente de Cinema e Vice-Presidente do Departamento de Artes da Universidade da Beira Interior. É Doutor em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, investigador integrado no LabCom – Comunicação e Artes e colaborador do INCT Rede Proprietas. Foi coordenador editorial da *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento* (2018-2020), coordenador do Seminário Temático Cinemas Pós-Coloniais e Periféricos da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (2016-2019) e Vice-Presidente da Federação Portuguesa de Cineclubes (2018-2020). Atualmente, integra a comissão organizadora das Jornadas Cinema em Português e é programador do festival internacional Curtas Vila do Conde e do Cineclube de Guimarães.

Índice

03	O Filme
04	Ficha Técnica
05	O Filme em Contexto
07	Divisão do Filme
08	Questões Cinematográficas
11	Análise Fílmica
16	O Filme em Diálogo
18	A Receção do Filme
19	Sugestões Pedagógicas
22	Referências

O Filme

Wilson – “Isto tem o valor de 100 escudos. Vem para a cooperativa e a cooperativa dá-te 100 escudos. E isto já não é teu. Isto é meu, é deste, é de todo o mundo!”

Camponês – “Pode ser, muito bem, mas eu é que trabalho com ela... eu preciso de fazer amanhã trabalho naquilo que é meu, no bocadinho que lá tenho... tenho de ir comprar outra... e depois esse outra fica a ser da “comprativa”... e depois eu vou comprar outra e é sempre da “comprativa”, pá! Daqui a nada, também o que eu visto e calço é da “comprativa”...

Wilson – “É isso mesmo. É essa a nossa finalidade...”

Camponês – “Amanhã tiram-me as botas e ficam da “comprativa”. Fica a ser da “comprativa” e eu fico nu...”

Wilson – “Tu não ficas nu! Tu ficas com mais roupa que a que tens!”

Esta acalorada discussão é uma das cenas mais icónicas do cinema produzido durante o período revolucionário em Portugal. Pertence ao filme *Torre Bela*, realizado por Thomas Harlan e rodado por uma equipa estrangeira que conviveu, durante alguns meses, com um grupo de populares que procurou formas de organização coletiva para ocupar a herdade homónima em 1975. Esse filme – e essa cena em particular – permaneceram, durante as décadas seguintes, como testemunhos de um processo histórico singular.

A sua exibição em Portugal esteve sempre rodeada de controvérsia, refletindo um debate na própria sociedade portuguesa acerca do processo revolucionário que se seguiu ao 25 de abril de 1974. O filme, involuntariamente, acabou por difundir uma série de mitos que foram sendo associados à própria ocupação – como as mulheres alemãs que passeavam seminuas pela herdade ou a suposta criação de uma guerrilha – que ainda hoje estigmatizam os populares que participaram dessa experiência.

Apesar de ter sido fulcral para o Portugal democrático, o período revolucionário continua a ser ainda hoje um tema pouco debatido na sociedade portuguesa, sendo inclusive alvo de sistemática instrumentalização ideológica por parte de vários partidos políticos. A cada celebração redonda, o período revolucionário é revisitado a partir de memórias de muitos dos protagonistas políticos e sociais que o marcaram, mas discussões mais politizadas (como a descolonização e a reforma agrária) continuam a ser evitadas. Entretanto, o filme *Torre Bela* foi permanecendo algo marginalizado ou mesmo esquecido.

Três décadas e meia depois, José Filipe Costa revisita o filme de Thomas Harlan e as memórias que restam dessa experiência, recuperando imagens e sons de arquivo e procurando os protagonistas dessa célebre ocupação de forma a reavivar um debate nunca concretizado. Dez anos após a sua estreia, *Linha Vermelha* continua a ser exibido em diversos contextos e a servir de mote para mesas-redondas e conversas sobre a memória da Revolução dos Cravos.

Ficha Técnica

Título original: *Linha Vermelha*

País: Portugal

Estreia: 12 de abril de 2012; antestreia no Indie-Lisboa a 11 de maio de 2011

Duração: 82 minutos

Formato e cor: DCP, preto e branco/cor

Realização: José Filipe Costa

Montagem: João Braz

Fotografia: Paulo Menezes, Pedro Pinho e João Ribeiro; Luísa Homem (imagem adicional)

Som: Olivier Blanc, Ricardo Leal, Miguel Cabral e Helena Inverno; Frederico Lobo (som adicional) e João Miguel Rodrigues (voz-off)

Produção: João Matos (Terratrema), Ana Isabel Strindberg e José Filipe Costa

Elenco: Thomas Harlan, Wilson Filipe, Sandro Petica, Roberto Perpignani, José Pedro dos Santos, José Rabaça, Manuel Colaço, José Rodrigues, Inês Rodrigues, Herculano Martins, Fátima Martins, Eduarda Rosa, Camilo Mortágua, Angélica Rodrigues, Alda Virgílio e os alunos da Escola Básica Integrada de Manique do Intendente.



Fig. 1 José Filipe Costa observa com uma lupa a película de *Torre Bela*.

SINOPSE

Linha Vermelha recua a 1975, quando o alemão Thomas Harlan filmou o documentário *Torre Bela*, sobre a ocupação de uma grande herdade no Ribatejo, propriedade dos duques de Lafões. *Torre Bela* transformou-se num ícone do período revolucionário português, tendo retratado cenas como a discussão acalorada sobre a quem pertence uma enxada da cooperativa, a ocupação do palácio, o encontro dos ocupantes com os militares em Lisboa e o processo de formação de uma nova comunidade. Trinta e seis anos depois, José Filipe Costa revisita esse filme emblemático, reencontrando os seus protagonistas e a sua equipa. Qual foi o impacto da presença da câmara sobre os acontecimentos? Que influência teve o filme sobre a memória dessa experiência? *Linha Vermelha* mostra como *Torre Bela* continua hoje a marcar a história de um período conturbado do país.

O Filme em Contexto

“Mas *Linha Vermelha* é também uma ousada reflexão sobre o cinema militante e, de forma mais geral, sobre o papel político do cineasta militante. Porque o filme revela claramente que Thomas Harlan não se contentou em testemunhar os acontecimentos da Torre Bela, mas que participou ativamente na organização do movimento e na definição dos seus objetivos. *Linha Vermelha* tem o mérito de não reprimir aspetos perturbadores na abordagem de Harlan que, por diversas vezes, não hesitou em manipular os camponeses para que sua ação correspondesse ao programa ideológico do militante cineasta. (Schweitzer, 2011)

A ÉPOCA

Aproveitando o simbolismo da data, *Linha Vermelha* estreou nas salas portuguesas nas vésperas da celebração do 25 de abril de 2012, que estaria envolta em polémica: em protesto contra a linha política do então governo de centro-direita (coligação PSD e CDS), que “deixou de refletir o regime democrático herdeiro do 25 de Abril”, a Associação 25 de Abril não participou, pela primeira vez, nos atos oficiais nacionais evocativos da Revolução dos Cravos. Esta polémica retomava uma anterior, em 2004, quando um outro governo da mesma coligação apresentou o slogan “Abril é Evolução”, sendo liminarmente rejeitado por vários deputados da esquerda na cerimónia oficial na Assembleia da República por “querer esconder o carácter revolucionário da nossa conquista da liberdade (...). E porque a ‘evolução’ apregoada, que faz lembrar uma outra ‘evolução na continuidade’, que não era mais do que uma continuidade sem evolução, pretende igualmente esconder que a Revolução foi uma ruptura contra alguma coisa: contra o fascismo” (Bernardino Soares, PCP).

Em 2007, o filme *Torre Bela* foi reposto nas salas de cinema, merecendo um amplo e entusiasmado destaque por parte da crítica de cinema em Portugal, sendo dado a conhecer a novas gerações de espectadores e, também, a novos investigadores de diversas áreas científicas. Nessa altura, José Filipe Costa encontrava-

-se a frequentar um curso de doutoramento em Londres, depois de um projeto de investigação que culminaria com a publicação do livro *O Cinema ao Poder!* (2002), um documento fundamental para compreender a complexidade de um dos períodos mais marcantes da contemporaneidade portuguesa a partir do campo cinematográfico. Perante o debate gerado em torno do filme *Torre Bela*, o cineasta decidiu tornar esse filme no objeto de estudo do seu projeto de investigação para o doutoramento. Para além da habitual tese escrita, o projeto de José Filipe Costa incluiria ainda um documento fílmico, que viria a ser *Linha Vermelha*.



Fig. 2 Cartaz “Abril é Evolução”, 2004.

O AUTOR

José Filipe Costa nasceu em 1970 e tem trabalhado como argumentista e realizador de cinema e audiovisual, tendo obras selecionadas para diversos festivais internacionais de cinema, incluindo o Festival de Locarno, BFI London Film Festival, Viennale, Cinéma du Réel, PlanetaDoc, Fórumdoc.bh, Fidé Brasil, Festival de Curtas do Rio de Janeiro, Indielisboa, Curtas Vila do Conde, entre outros, e com exibições em vários canais de televisão como RTP, Futura-Brasil e ZDF-Arte. Participou no Programa de Criação e Criatividade Artística da Fundação Calouste Gulbenkian e é doutorado pelo Royal College of Art em Londres. Tem lecionado cinema e audiovisual em universidades portuguesas e estrangeiras, como o IADE – Universidade Europeia, o curso DocNomads, Documentary Film Directing Erasmus Mundus ou a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. É autor do livro *O cinema ao Poder!* (1.ª ed. 2002; 2.ª ed. 2015). Como jornalista e crítico de cinema, colaborou com o Notícias Magazine e o semanário Independente. Integrou os órgãos sociais da AIM – Associação de Investigadores da Imagem em Movimento, da Apordoc – Associação pelo Documentário, e da APR – Associação Portuguesa de Realizadores.



Fig. 3 José Filipe Costa

A OBRA DO AUTOR

A obra cinematográfica de José Filipe Costa tem explorado narrativas e formas ficcionais, documentais e híbridas, sempre com um olhar humano e social muito atento e sensível, destacando-se os documentários *Senhorinha* (2001), sobre uma mulher de 69 anos que, sem saber ler nem escrever, grava versos, cantigas e as histórias dos seus aniversários que servem como memória viva de uma sociedade rural portuguesa em confronto com o mundo urbano do Cacém; e *Entre Muros* (2003), que acompanha o quotidiano de Sergey e Edvard, dois imigrantes ucranianos ilegais que trabalham na construção civil nos subúrbios de Lisboa, desde a sua estadia em Portugal ao seu regresso à Ucrânia. Na carreira do cineasta, segue-se uma fase ficcional, com três curtas-metragens – *Undo* (2004), *Domingo* (2005) e *A Rua* (2008) – que abordam tensões familiares e personagens silenciosas. Com *Linha Vermelha* (2011), José Filipe Costa inicia uma terceira fase, seguida por *O caso J.* (2016) e *Prazer, Camaradas!* (2019), em que as relações entre ficção e documentário são trabalhadas a partir de experiências e documentos do passado, numa complexa reflexão metanarrativa que provoca e desafia o espectador.

Filmografia Selecionada:

Senhorinha (2001)

Entre Muros (2003)

Domingo (2005)

A Rua (2008)

Linha Vermelha (2011)

O caso J. (2016)

Prazer, Camaradas! (2019)

DIVISÃO DO FILME

01 CARO THOMAS HARLAN

[00:00:00] - [00:04:08]

Um narrador escreve uma carta a Thomas Harlan, veterano realizador alemão que vive numa clínica no sul da Alemanha, localizada perto do “ninho da águia”, a casa de férias do ditador Adolf Hitler. O seu pai, Veit Harlan, foi um destacado realizador do regime nazi conhecido pelo filme *O Judeu Suss* (1940), filme de propaganda antissemita. Após o colapso do nazismo, Thomas mora em França e Itália, viajando pela União Soviética, Polónia e Chile, até chegar a Portugal, em 1975, atraído pela Revolução dos Cravos.

02 NÃO HÁ NENHUM PROBLEMA!

[00:04:09] - [00:11:35]

Imagens de arquivo mostram o Duque de Lafões a insistir efusivamente que nas suas propriedades não existe “nenhum problema”. Sucedem-se outras imagens de arquivo, excertos do filme *Torre Bela*, rodado ao longo de 101 dias (entre 23 de abril e 2 de agosto de 1975) por Thomas Harlan na herdade homónima localizada no concelho da Azambuja, ocupada por um grupo de camponeses com vista à sua reabilitação agrícola. Numa fita magnética, Harlan confessa a Camilo Mortágua, membro da LUAR, o motivo da sua vinda a Portugal: produzir um filme militante para divulgar o processo revolucionário português em França e Itália.

03 WILSON, O CICERONE

[00:11:36] - [00:23:26]

A personagem principal do filme seria Wilson, o dinamizador da ocupação da herdade, que percebeu a importância de uma câmara para o sucesso da ocupação. Imagens de arquivo documentam as intervenções de Wilson na ocupação. Nos anos seguintes, Wilson tornar-se-ia no cicerone da história da cooperativa para várias reportagens portuguesas e estrangeiras. Roberto Perpignani, montador de *Torre Bela*, fala do protagonista revolucionário. Alexandra Lucas Coelho entrevista Wilson na atualidade.

04 A CENA PRINCIPAL

[00:23:27] - [00:36:49]

O narrador destaca a entrada dos cooperadores no “palácio” da herdade como

a cena principal do filme de Harlan. As imagens de arquivo são comentadas na atualidade por antigos cooperadores, que sublinham a importância do filme de Harlan na formação da opinião pública na época. Habitantes atuais daquela região comentam o contexto e o legado da ocupação. Numa escola básica, uma turma de adolescentes discute o contexto socioeconómico da ocupação no período revolucionário.

05 SOMOS ATORES OU SOMOS OCUPANTES?

[00:36:50] - [00:45:30]

Perpignani e Sandro Petica, montador de som de *Torre Bela*, distinguem a realidade da construção dramática própria do cinema. José Pedro dos Santos, diretor de produção, esclarece que a cena da ocupação foi promovida pelo realizador Harlan para tornar o filme mais dramático. Perpignani não tem dúvidas quanto à importância da câmara de cinema como desencadeadora do processo de ocupação do “palácio”. Registos de áudio confirmam essas suspeitas: Wilson lidera a ação, mas Harlan pede uma “repetição”.

06 A VERDADE NÃO É UMA SÓ

[00:45:31] - [00:54:07]

Por intermédio de Harlan, representantes dos cooperadores da Torre Bela são recebidos em Lisboa pelas Forças Armadas. O porta-voz aconselha os cooperadores a ocuparem o “palácio” e a antecipar a produção legislativa. Harlan confessa que a equipa de cinema “manipulou” os cooperadores para precipitar a ocupação do “palácio”. Um objeto do “palácio” que permanece incógnito numa casa anónima lembra que essa cena no filme de Harlan formou negativamente a opinião de muitas pessoas sobre a cooperativa. Francis Pisani, escritor que viveu na Torre Bela, enuncia uma série de boatos que contribuíram para o fracasso da cooperativa. Imagens de arquivo de um filme de Luís Galvão Teles procuram repor a verdade sobre a ocupação.

07 NENHUMA CENA FOI REENCENADA

[00:54:08] - [01:05:20]

Oficiais do MFA chegam à Torre Bela de helicóptero, para manifestar simbolicamente

o apoio aos cooperadores. José Pedro dos Santos destaca a importância do Harlan na criação de conflitos dramáticos que favorecessem o seu filme. O narrador afirma que Harlan também participou na ocupação. Imagens de arquivo de uma assembleia popular em Manique documentam uma acesa discussão entre populares. Na mesma freguesia, na atualidade, antigos cooperadores participam nas eleições autárquicas. Perpignani destaca a influência do álcool na manipulação dos populares. Nas imagens de arquivo de uma reunião popular é visível um pequeno busto de Lenine.

08 OS MOTIVOS DA LUTA

[01:05:21] - [01:17:33]

Numa sala de cinema é projetado o filme *Torre Bela*. José Rabaça, antigo cooperador, lê um breve texto que fora remetido a Harlan para ser incluído no filme, mas que o realizador não subscreveria. Camilo Mortágua e Inês Rodrigues, antiga cooperadora, destacam aspetos da realidade vivida na cooperativa que o filme não aborda ou que desvaloriza. Imagens de arquivo dos filmes de Galvão Teles e Vítor Silva mostram essas outras imagens da cooperativa. Pisani fala da ocupação como a realização da revolução. Na moviola, o narrador destaca uma cena onde uma mulher se exalta: “a cooperativa é de todos nós”.

09 RECORDAR É VIVER

[01:17:34] - [01:25:04]

Trinta e cinco anos depois da ocupação, um grupo de antigos cooperadores reúne-se para um jantar de confraternização. Falam em organizar um piquenique na Torre Bela. Na aldeia da Maçussa, comemora-se o 25 de abril com “Cats”, o célebre musical da Broadway agora levado à cena por amadores da comunidade. A plateia, maioritariamente composta por idosos, assiste com alguma indiferença. O narrador questiona sobre o que vem primeiro: a realidade ou a ficção? O cinema aproxima o passado e o presente, e a imaginação ajuda a trocar as coisas de lugar, a transformar a vida. Numa fita magnética, alguns populares cantam, em claro desacerto, a canção “Grândola, Vila Morena”.

Questões Cinematográficas

NARRATIVA

Linha Vermelha desenvolve uma complexa reflexão sobre o cinema militante e o modelo de “linha vermelha” sugerido por Thomas Harlan, nomeadamente na relação entre quem filma e quem é filmado. Um dos slogans presentes na comunicação do filme *Linha Vermelha* é precisamente uma pergunta a esse respeito, que é recuperada de uma das fitas magnéticas com gravações de áudio dos bastidores da rodagem de *Torre Bela*: “somos actores ou ocupantes?” Ao destacar esta pergunta, feita pelos ocupantes durante a rodagem do filme, *Linha Vermelha* convida a uma reflexão sobre a intervenção do cinema no próprio processo revolucionário.

O filme desenvolve a sua narrativa em torno desta dúvida, propondo uma espécie de investigação que passa pela análise criteriosa do filme, tanto as imagens como os sons, e pela escuta de pessoas que trabalharam no filme ou que viveram a ocupação da herdade. De certo modo, a narrativa vai-se afastando do documentário tradicional, que apresenta mais certezas do que dúvidas, aproximando-se do exercício especulativo, em linha com o revolucionário *The Thin Blue Line* (1988, Errol Morris) ou até mesmo com o dispositivo narrativo do *film noir*, em que um detetive privado (neste caso, o realizador) tenta resolver um mistério.



Fig. 4 Cartaz promocional do filme *Linha Vermelha*



Fig. 5 Assembleia popular em Manique do Intendente, 1975 (00:57:08)



Fig. 6 Sessão de debate na Escola Básica Integrada de Manique do Intendente, 2010 (00:31:04)

IMAGEM

Linha Vermelha propõe um percurso que deambula sistematicamente entre as imagens do presente e as imagens do passado, maioritariamente pertencentes ao filme *Torre Bela*. As imagens oscilam ainda entre o suporte analógico (película de 35mm), do filme de Harlan e de outras imagens de arquivo sobre a herdade ocupada, e o digital, das rodagens efetuadas por Costa entre 2009-2010, por quatro operadores de câmara diferentes (Paulo Menezes, Pedro Pinho, João Ribeiro e Luísa Homem). Talvez para criar um contexto de visionamento mais harmonioso, *Linha Vermelha* usa um *aspect ratio* de 4:3, pouco comum nas produções do séc. XXI (onde é mais habitual o panorâmico 16:9), mas muito vulgar na generalidade do cinema do séc. XX e, mais tarde, na produção televisiva. Na prática, esta escolha de um padrão de imagem idêntico para imagens rodadas com mais de 30 anos de intervalo acaba por destacar uma dinâmica muito fluida entre as duas realidades, justapondo inclusive situações similares.

Excetuando um travelling e uma panorâmica pelos muros da herdade da Torre Bela, logo no início do filme, que, literalmente, nos transporta entre tempos, *Linha Vermelha* usa sobretudo o plano fixo e enquadramentos aproximados, ou mesmo de pormenor, permitindo ao espectador observar todos os planos com mais atenção e maior detalhe.

SOM

A proposta narrativa de *Torre Bela* é bastante clássica para o período em que foi rodado: o filme assume um ponto de vista inequivocamente observacional, registando o quotidiano dos cooperadores sem recurso a efeitos especiais, banda musical ou qualquer tipo de comentários verbalizados por um narrador. Pelo contrário, *Linha Vermelha* apresenta uma estratégia narrativa que usa um narrador em voz-off como o principal fio condutor, para além de um conjunto alargado de depoimentos filmados em registo *talking head* (cabeça falante) que vão ajudando o espectador a ir preenchendo o puzzle. *Linha Vermelha* também é importante porque apresenta sons inéditos da rodagem do filme, localizados por José Filipe Costa durante a sua pesquisa para o filme, que nos ajudam a compreender melhor todo o processo de produção do filme e a esclarecer a dúvida inicial, revelando que houve intervenção da equipa de rodagem em algumas das cenas filmadas durante a ocupação.

MISE-EN-SCÈNE

Um dos centros desta narrativa é a herdade da Torre Bela. No entanto, contrariando um dos seus objetivos iniciais, a equipa de cinema não conseguiu transpor os altos muros da herdade para filmar aquela realidade em 2011, tendo optado por filmar a realidade circundante em espaços públicos, desde a Escola Básica Integrada de Manique do Intendente, a assembleia de voto na Junta de Freguesia de Manique do Intendente ou a Associação Recreativa, Desportiva e Cultural da Maçussa.

As entrevistas individuais aos diversos intervenientes são registadas em espaços privados, sobretudo as suas residências. Assim, mais do que o nome ou o rosto, surgem enquadradas no seu meio natural, numa zona de maior conforto, com iluminação natural, e o filme oferece também, de certo modo, um contexto acerca dessas pessoas e sobre a forma como vivem. Esta estratégia aproxima o espectador do filme, convidando-o a entrar naquela narrativa com clara empatia pelos seus intervenientes.

Mas o cenário mais importante no filme é, sem dúvida, a mesa de montagem (moviola), onde as imagens de arquivo são dissecadas. Esse é o centro das operações do filme, o “posto de comando” que conduz o espectador através das imagens de arquivo e que estabelece relações com as imagens do presente.

MONTAGEM

Um dos principais intervenientes de *Linha Vermelha* é o montador de *Torre Bela*: Roberto Perpignani era um experiente montador italiano, à época já com colaborações em obras de Bernardo Bertolucci, Alberto Lattuada, Marco Bellochio e dos irmãos Paolo e Vittorio Taviani, entre outros. Apesar da experiência, Perpignani confessa que teve alguma dificuldade em montar o filme de Harlan, sobretudo pelo seu desconhecimento da língua portuguesa, nomeadamente nas suas nuances retóricas e fonéticas. Outro dos obstáculos que encontrou foi a quantidade de imagens filmadas: ao longo de 101 dias de rodagem, entre 23 de abril e 2 de agosto de 1975, Thomas Harlan estima que tenham sido rodadas 32 horas de material bruto. O filme seria montado em Itália, já em 1977, num processo complexo de onde resultariam diferentes versões: a que estreou em Cannes tinha 139 minutos; a lançada em DVD em 1999 tinha 82 minutos; a estreada em sala em 2007 tinha 110 minutos; há ainda rumores de uma suposta versão *director's cut* com cerca de 4 horas.

O filme de Harlan opta por uma montagem linear – que organiza os acontecimentos por ordem cronológica, respeitando a continuidade espaço-temporal – e comumente designada por invisível –, que procura anular a influência do dispositivo cinematográfico na construção narrativa e dar conferir maior credibilidade ao filme.

À semelhança de *Torre Bela*, *Linha Vermelha* também foi montado por um montador muito experiente, João Braz, que, à época, colaborara já com Margarida Gil, José Nascimento, João Canijo, Marco Martins e João Botelho, entre muitos outros. Mas, ao contrário do filme de Harlan, *Linha Vermelha* opta por uma montagem mais criativa, que vai convocando e relacionando vários registos de imagens, nomeadamente as de arquivo (provenientes de vários filmes) com as imagens do presente (2011) captadas por Costa.

Na construção narrativa, *Linha Vermelha* aposta numa montagem mais rítmica (visual) e harmónica (sonora), de acordo com a teorização desenvolvida pelo cineasta soviético Serguei Eisenstein: rítmica porque relaciona permanentemente as imagens do passado (filmes de arquivo) com as reflexões sobre essas imagens produzidas no presente; harmónica porque procura uma coerência emocional, misturando imagens do passado com sons do presente e vice-versa. Desta forma, a montagem contribui significativamente para o exercício de reflexão proposto pelo próprio filme, nomeadamente o convite para que seja o espectador, perante as evidências apresentadas, a tirar as suas próprias conclusões.



Fig. 7 Fotografia de *Linha Vermelha* (00:41:41)



Fig. 8 Roberto Perpignani (00:21:29)

Análise Fílmica

UM FOTOGRAMA

[00:04:43]



Este fotograma resume de forma clara o dispositivo cinematográfico proposto para *Linha Vermelha*: sentado numa moviola (máquina de montagem de filme analógico), o realizador José Filipe Costa assiste ao filme *Torre Bela*.

A escala do plano é aproximada, permitindo distinguir claramente o objeto do olhar do realizador. Ao mesmo tempo, também permite reconhecer o contexto da cena, que se ambienta numa sala de montagem, espaço reservado à construção narrativa do filme. O enquadramento do plano é um dos mais populares e reconhecíveis pelos espectadores de cinema, o famoso *over the shoulder* (sobre o ombro), um plano usado de forma mais comum em contexto de campo/contracampo, ou seja, em cenas de diálogo entre duas per-

sonagens. O *over the shoulder* sugere uma proximidade do espectador à ação narrativa, colocando-o dentro do filme, como uma testemunha direta dos acontecimentos.

Por outro lado, a presença em cena do próprio realizador José Filipe Costa pode ser interpretada como uma declaração de interferência na mediação do filme de Thomas Harlan. Ao escolher uma moviola para visio-
nar o filme *Torre Bela*, e não uma sala de cinema, o realizador destaca a importância dessa tecnologia na manipulação direta com a obra, permitindo pausar, rebobinar ou rever/reouvir as imagens e sons em movimento. Por outras palavras, essa mediação de José Filipe Costa permitirá reinterpretar o filme a partir de um conjunto de novas informações que são apresentadas pelo filme *Linha Vermelha*.

UM PLANO

[01:15:46] - [01:17:20]

O plano selecionado, pertencente aos momentos finais, constituiu uma verdadeira exceção no filme, sendo também o seu mais longo plano (com 94 segundos), porque constrói o seu discurso narrativo no interior do próprio plano. Para além desse motor narrativo, este plano propõe uma reflexão mais alargada sobre o processo histórico vivido naquela região e sobre o processo cinematográfico que o próprio filme sugere.

Noutro sentido, este plano também se constrói narrativamente no “fora de campo”, sobretudo com os

elementos sonoros (narração e som ambiente). Em voz-off, o narrador esboça uma subtil crítica à sociedade pelo esquecimento generalizado das lutas que marcaram o período revolucionário, sobretudo naquela região que esteve no centro desse processo e o viveu de forma muito intensa, que é reforçado pelos planos seguintes da indiferença das pessoas que assistem ao espectáculo, afinal em nada relacionado com a data que se comemora, realçando a importância da memória histórica.

1



O plano começa com várias pessoas, maioritariamente idosas, sentadas de costas em frente a um palco com a cortina fechada. O espaço é a Associação Recreativa, Desportiva e Cultural da Maçussa, uma aldeia nas proximidades da Torre Bela. A atenção do espectador é conduzida para o único rosto visível, ao centro, de uma criança bem pequena que veste um casaco vermelho.

2



Enquanto o pano abre lentamente, o narrador revela que o pretexto para o espectáculo daquela noite é a comemoração do 25 de abril de 1974. O olhar do espectador direcciona-se agora para um cartaz de fundo (“25 de Abril Sempre”), mas, ao contrário de outros tempos, hoje naquele palco não será exibido o filme de Thomas Harlan.

3



Ao som dos primeiros acordes, uma personagem vestida de gato entra em cena. O público não parece reagir ao início do espectáculo, ouvindo-se ainda bastante ruído de fundo. O plano vai ficando preenchido com mais algumas personagens vestidas de gatos, com diversas cores e padrões, que gatinham pelo palco e fazem dispersar o olhar do espectador.

4



O espectáculo em palco é uma representação amadora do célebre musical *Cats*, de Andrew Lloyd Webber, estreado em 1981 e que é um dos maiores sucessos de sempre da Broadway. Dirigindo-se de forma consciente a uma audiência de humanos, os gatos dançam todos coordenados e cantam sobre a importância da união do seu grupo, os Jellicle Cats.

UMA SEQUÊNCIA

[00:31:20] - [00:35:06]

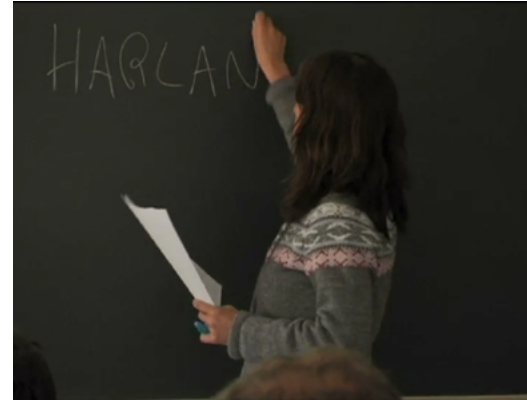
1



2



3



4



5



6



7



8



9



Uma das sequências mais interessantes do filme *Linha Vermelha* é protagonizada por um grupo de adolescentes nascidos décadas após os acontecimentos de 1975. Alunos de uma escola da região da herdade da Torre Bela, estes adolescentes são desafiados a visionar e debater, no contexto da sala de aula, um excerto do filme de Thomas Harlan na presença da equipa de rodagem do filme *Linha Vermelha*.

A cena em questão é precedida por algumas das imagens mais polémicas de *Torre Bela* – que se referem aos camponeses que entram no “palácio” dos duques de Lafões e vasculham nos armários, vestindo as roupas dos proprietários – que servirá de mote à discussão: enquanto se observam os corredores da escola vazios (1-2), ouve-se a banda som do filme de Harlan, precisamente nessa sequência da “invasão” do “palácio”.

A professora (3) lança o debate acerca da legitimidade da ocupação da herdade, pedindo aos alunos para se imaginarem camponeses nas mesmas condições socioeconómicas dos cooperadores da Torre Bela. A maioria dos adolescentes parece optar por

uma certa neutralidade (4) (9), observando o debate com aparente desinteresse ou até aborrecimento; uns fazem comentários genéricos, um pouco ingénuos do ponto de vista ideológico (10-11); outros intervêm de forma mais ativa, manifestando inclusive alguma consciência das implicações políticas e sociais do tema em debate. Uma parte dos alunos defende a precariedade laboral e as péssimas condições de vida dos camponeses como razão legítima para a ocupação da herdade (5-6); outros defendem o inquestionável direito à propriedade dos duques de Lafões (7-8).

Apesar do contexto distinto (a mediação escolar e a presença de estranhos), o comportamento dos adolescentes desta sequência do filme de José Filipe Costa não é muito distinto do comportamento dos adultos que participavam nas assembleias populares registadas pelo filme de Harlan em 1975.

Através da montagem, de sons e imagens, a cena desenvolve-se numa dinâmica de ação/reação, permitindo ver as intervenções dos adolescentes, mas também as suas reações através da linguagem corporal (8) (10).

10



11



Resumidamente...

Nesta sequência em particular, não deixa de ser relevante que *Linha Vermelha* de José Filipe Costa tenha replicado o dispositivo narrativo usado por Thomas Harlan em *Torre Bela*: o filme apresenta uma versão dos acontecimentos aparentemente objetiva, com um estilo de captação das imagens supostamente espontâneo e observacional, em que parece registar de forma imparcial a verdade do que terá acontecido nesse debate.

No entanto, mediado sobretudo pela montagem, o resultado do registo fílmico que o espectador pode

observar em ambos os filmes é claramente subjetivo, já que apresenta uma versão muito abreviada do debate (que, em geral, duraria várias horas, e no filme *Linha Vermelha* durou inquestionavelmente mais do que os cerca de 2 minutos e meio que se podem observar nesta sequência) que pode desvirtuar o que efetivamente poderá ter ocorrido. Por outro lado, foi a produção do filme *Linha Vermelha* que “provocou” este acontecimento, propondo o visionamento e debate do excerto do filme naquela escola - ou seja, o filme regista aqui acontecimentos que ele próprio provocou.

REFORMA AGRÁRIA

Uma das medidas mais discutidas em Portugal durante o Processo Revolucionário Em Curso (PREC) foi a Reforma Agrária, ou seja, a necessidade de redistribuir as terras que não estavam a ser cultivadas e que eram reivindicadas por trabalhadores rurais sem trabalho permanente desde a década de 1950, sobretudo nas regiões a sul do rio Tejo, onde os latifúndios com mais de 100 hectares ocupavam cerca de 75% da área disponível para a agricultura. As greves e manifestações aumentam ainda em plena ditadura, dando origem a violentas repressões, como a que vitimaria a camponesa Catarina Eufémia (1954). Entre março e novembro de 1975, com o apoio de vários sindicatos e alguns partidos políticos, são ocupados cerca de 1 milhão e 100 mil hectares, que passam a ser geridos por Unidades Colectivas de Produção, por sua vez geridas por trabalhadores rurais, fazendo multiplicar exponencialmente o total de áreas cultivadas. Na década de 1980, com a contestação dos partidos políticos de direita e a gradual implementação das diretivas europeias (Política Agrícola Comum), a Reforma Agrária praticamente desapareceu.

ORGANIZAÇÃO POPULAR

De acordo com a Constituição em vigor, os cidadãos têm o direito de se reunir, pacificamente e sem armas (Artigo 45.º), e de, livremente e sem dependência de qualquer autorização, constituir associações (Artigo 46.º). No entanto, durante o Estado Novo, esses direitos estavam vedados à população, em particular às classes mais desprotegidas, como os camponeses. As experiências de organização popular no pós-25 de Abril, em diversos setores da sociedade e da economia, tornaram-se manifestações simbólicas e efetivas da nova ordem social e política que então se instituiu em Portugal, processos de amadurecimento democrático das populações historicamente mais penalizadas pela ditadura fascista.

O Filme em Diálogo

OUTROS FILMES

No seu trabalho de pesquisa por imagens da ocupação da herdade Torre Bela em 1975, *Linha Vermelha* apresenta excertos de alguns filmes produzidos na mesma época que o filme de Harlan. O mais conhecido é *Cooperativa Agrícola Torre-Bela* (1975), realizado por Luís Galvão Teles e produzido pela cooperativa Cinequanon para a RTP, onde seria emitido a 1 de outubro de 1975. Em poucos dias de rodagem, o filme apresenta imagens do interior “intacto” do “palácio” do duque de Lafões que “agora é dos trabalhadores”, como esclarece o narrador. As imagens de frases (“O dever do revolucionário é fazer a revolução”; “camponeses e operários revolucionários unidos venceremos”) inscritas na entrada da herdade dão o mote para uma narrativa que tenta apresentar o ponto de vista dos trabalhadores ocupantes.

De produção amadora, *Torre Bela* (*Uma cooperativa popular*) foi realizado por Vítor Silva com uma câmara Super 8, ficando por isso praticamente esquecido e inacessível ao longo das décadas seguintes, captando o dia-a-dia dos camponeses nos trabalhos agrícolas, mas também alguns dos conflitos sentidos no processo de organização popular.

Em 2019, José Filipe Costa estrearia mais uma longa-metragem, rodada na região da herdade da Torre Bela, cujo tema central resulta do processo de pesquisa para o filme *Linha Vermelha*. Trata-se de *Prazer, Camaradas*, que dá voz a um conjunto de estrangeiros que vieram para Portugal em 1974-75 viver o processo revolucionário, acabando por se envolver em cooperativas, e que contam as suas experiências relacionais, desde as hierarquias familiares às questões sexuais. O filme oferece um excelente complemento aos documentos históricos sobre o período revolucionário que se focam sobretudo nas questões ideológicas.

LITERATURA

Para além de filmes, a experiência na Torre Bela também deu origem a outros relatos, nomeadamente na literatura. Duas das obras mais importantes foram escritas por pessoas que viveram a experiência comunitária na Torre Bela: a escritora alemã Helga Novak (pseudónimo de Maria Karlsdottir) publicou *Die Landnahme von Torre Bela* (*A Ocupação da Torre Bela*, 1976), e o jornalista francês Francis Pisani – que dá o seu testemunho em *Linha Vermelha* – publicou *Torre Bela On a Tous le Droit d’Avoir une Vie* (*Torre Bela Todos Temos Direito a Ter uma Vida*, 1977).

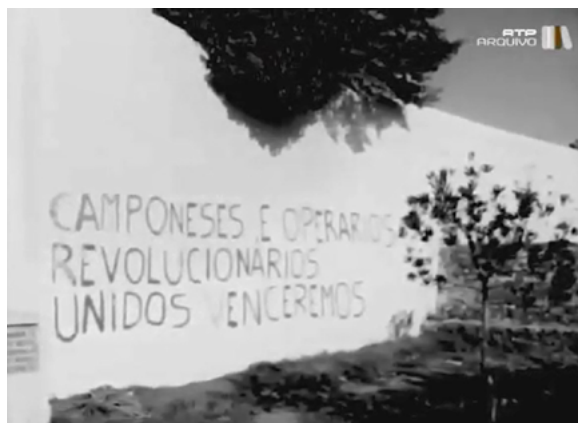


Fig. 9 Fotograma do filme *Cooperativa Agrícola Torre-Bela* (1975).



Fig. 10 Fotograma do filme *Prazer, Camaradas!* (2019).

THOMAS HARLAN

Realizador alemão, nascido em Berlim, em 1929, em plena ascensão do nazismo. O seu pai foi Veit Harlan, realizador próximo de Adolf Hitler e Joseph Goebbels. Após a derrota nazi, Thomas Harlan estuda em Paris, onde conhece Gilles Deleuze. Entre 1959 e 1964, desenvolve uma investigação na Polónia que culmina com a acusação de crimes de guerra a dois mil alemães ainda vivos. Segue para Itália, onde se junta à Lotta Continua, uma organização radical de extrema-esquerda particularmente influente junto de estudantes, imigrantes e classes trabalhadoras. Passaria ainda pelo Chile, onde integraria movimento de resistência à ditadura de Pinochet. Chega a Portugal em 1975, onde roda o seu primeiro filme. Realiza ainda "Wundkanal" (1984), sobre um burocrata nazi responsável pela morte de centenas de russos, e "Souvenance" (1990), sobre um mito haitiano do séc. XIX. Faleceu em outubro de 2010, com 81 anos de idade.

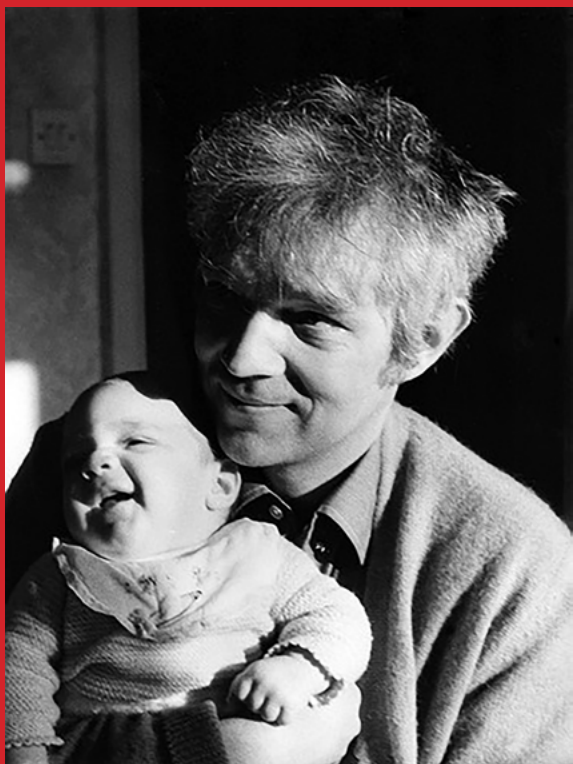


Fig. 11 Thomas Harlan

WILSON FILIPE

Também conhecido por Sabu, o Marinheiro, foi uma das principais figuras ligadas à ocupação da Torre Bela em 1975. Nascido em Manique do Intendente, concelho de Azambuja, em 1948, ingressou na Marinha aos 16 anos. Quatro anos mais tarde estaria na Guiné-Bissau, mobilizado para a Guerra Colonial. De regresso a Lisboa, envolve-se no assalto a um balcão bancário que lhe valeria 4 anos de cadeia, até ser libertado pelo 25 de Abril de 1974. Ao longo dos anos, Wilson Filipe tornou-se no rosto da ocupação, servindo de principal testemunho a diversas reportagens e documentários, nacionais e internacionais, sobre a experiência da cooperativa da Torre Bela. Faleceu em dezembro de 2020, com 72 anos de idade.



Fig. 12 Wilson Filipe no filme *Linha Vermelha* (2011).

A Recepção do Filme

Linha Vermelha foi exibido pela primeira vez em Portugal durante o festival de cinema IndieLisboa, onde venceu o Prémio para Melhor Longa-Metragem Portuguesa, merecendo também generalizados elogios por parte da crítica cinematográfica. Nos meses seguintes, o filme foi selecionado para diversos festivais em várias partes do mundo. A circulação internacional também mereceu a atenção das mais prestigiadas revistas de cinema internacionais como a francesa *Cahiers du Cinema* ou a britânica *Sight and Sound*.

O filme teve estreia comercial nas salas portuguesas a 12 de abril de 2012. Permaneceu oito semanas em exibição no Cinema City Alvalade, em Lisboa, e, nos meses seguintes, foi exibido em vários concelhos de todo o país, através da rede de cineclubes. Em 2016, o filme foi lançado em DVD.

Por ocasião do lançamento de *Linha Vermelha*, organizou-se uma série de apresentações e conversas com a presença do realizador e de outros intervenientes no filme, assim como de vários especialistas

de diversas áreas científicas. Esta estratégia diferenciada de distribuição acabou por promover um debate público transgeracional acerca do processo revolucionário português.

Desde então, de forma regular, sobretudo em datas próximas ao feriado do 25 de abril e ao 1.º de maio, o filme tem sido exibido em sessões especiais, normalmente seguido por debate, organizadas no âmbito cineclubista ou de mostra temática de cinema. Do mesmo modo, o filme continua a ser exibido e discutido em diversos eventos científicos nacionais e internacionais, como na Oficina de História e Imagem do Instituto de História Contemporânea (2014), no colóquio *Révolution et cinéma: l'exemple portugais* em Paris (2014), no Harvard Film Archive (2015) ou no UC Berkeley Art Museum (2018).



Fig. 13 Exibição de *Linha Vermelha* ao ar livre na Fontinha, Porto, 29 de abril de 2012.



Fig. 14 Debate pós-sessão com a participação do realizador José Filipe Costa, do capitão de Abril Vasco Lourenço e da historiadora Maria Inácia Rezola.

Sugestões Pedagógicas

ANTES DA PROJEÇÃO

EXERCÍCIO 1

Contextualizar o passado

Com recurso a enciclopédias e dicionários de história disponíveis na biblioteca escolar, construir um friso cronológico com os principais acontecimentos políticos, sociais, económicos e culturais ocorridos em Portugal durante o período revolucionário, sensivelmente entre 25 de abril de 1974 e 25 de abril de 1976 (entrada em vigor da Constituição de 1976), em particular as relacionadas com a Reforma Agrária e as Organizações Populares.

APRENDIZAGENS

Perceber a importância da contextualização de um filme; recolher e selecionar elementos de informação para a análise de assuntos e temáticas em estudo; identificar a multiplicidade de fatores e a relevância da ação de indivíduos ou grupos relativamente a fenómenos históricos circunscritos no tempo e no espaço.

EXERCÍCIO 2

Folhear o passado

Pesquisa documental no Diário de Lisboa (disponível online em acesso livre no site [Casa Comum](#)) durante o ano de 1975 de forma a localizar e analisar notícias, reportagens e crónicas relacionadas com a ocupação da herdade da Torre Bela e com outros processos de ocupação ocorridos em Portugal no mesmo período. O material recolhido poderá ser utilizado para uma exposição temática acerca de temas como a Reforma Agrária ou as Organizações Populares.

APRENDIZAGENS

Perceber a importância de contextualizar um filme; recolher e selecionar elementos de informação para a análise de assuntos e temáticas em estudo; mobilizar a criatividade para consolidar uma cultura democrática na escola e na comunidade local.

DEPOIS DA PROJEÇÃO

EXERCÍCIO 1

Debater o filme

Organização de um debate no contexto escolar que envolva a comunidade educativa sobre questões centrais ao filme, nomeadamente a Reforma Agrária ou as Organizações Populares, promovendo um espaço para o debate democrático, com contraditório.

APRENDIZAGENS

Sensibilizar os alunos e a comunidade envolvente para a complexidade do tema da Reforma Agrária; mobilizar saberes para o desenvolvimento de consciência cívica e processos democráticos em dinâmicas intergeracionais; promover valores como tolerância e liberdade de pensamento.

EXERCÍCIO 2

Autopsiar o filme

Visionamento de excertos do filme *Torre Bela* realizado por Thomas Harlan, de forma a:

- Identificar as principais imagens deste filme que foram analisadas em *Linha Vermelha* e, posteriormente, analisar criticamente o contexto das imagens no filme original e a sua recontextualização no filme mais recente, refletindo sobre a intervenção do realizador na construção de uma representação da realidade.
- Identificar as principais imagens deste filme que não foram utilizadas em *Linha Vermelha*, analisando essas imagens e possíveis questões acerca do período revolucionário que podem ser exploradas, como a importância da canção de intervenção a propósito da presença de Zeca Afonso, José Fanhais ou Vitorino.

APRENDIZAGENS

Perceber a importância de contextualizar um filme; recolher e selecionar elementos de informação para a análise de assuntos e temáticas em estudo; mobilizar a criatividade para consolidar uma cultura democrática na escola e na comunidade local.

EXERCÍCIO 3

Filmar a história

Desafiar os alunos a recolherem imagens e a registarem com o telemóvel pequenas entrevistas no círculo familiar ou comunitário acerca das suas memórias sobre acontecimentos históricos relacionados com o 25 de Abril de 1974. Os testemunhos e os documentos mais interessantes poderão ser selecionados para uma exposição temática acerca do período revolucionário na região.

APRENDIZAGENS

Experimentar as ferramentas do audiovisual como forma de valorizar a história oral; reconhecer a importância de testemunhos e memórias individuais e coletivas do passado para a compreensão do tempo presente; mobilizar a criatividade para consolidar uma cultura democrática na escola e na comunidade local de forma transgeracional.

EXERCÍCIO 4

Debater o filme

Visionar em aula o excerto do filme *Linha Vermelha* (00:31:20-00:35:06), que é objeto da análise de sequência neste dossiê, o momento em que, na sala de aula, a professora lança um debate a propósito da questão histórica, social e cultural da propriedade/posse de bens num período de conjuntura social instável e/ou revolucionária. Tendo como referência esse excerto, o professor propõe aos alunos dar continuidade ao debate iniciado pelos jovens no filme, a partir dos seguintes tópicos:

- Primeiro, solicitar aos alunos para fazerem o levantamento dos argumentos defendidos no filme pelos jovens da turma;
- Depois, propor aos alunos debater a mesma questão a partir de um ponto de vista ético e moral: se o enquadramento económico e social do país fosse aquele que se viveu no período do 25 de abril, viam-se a ocupar uma propriedade de alguém? Como é que se posicionam face a este problema?

APRENDIZAGENS

Tomar posição face a problemas éticos, políticos e morais que têm implicações particulares, mas também têm um alcance coletivo; Reconhecer a importância dos valores de cidadania (tolerância, respeito pelo outro, direitos humanos) para a formação de uma consciência cívica e de uma intervenção responsável na sociedade democrática.

Referências

IMAGENS

Fig. 2 – © <https://ressabiator.wordpress.com/2008/04/>

Fig. 3 – © <http://josefilipecosta.com/bio/>

Fig. 5, 13, 14 – © Página do Facebook Linha Vermelha – o filme

Fig. 9 – © Arquivos RTP <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cooperativa-agricola-torre-bela/>

Fig. 10 – © <http://josefilipecosta.com/prazer-camaradas/>

Fig. 11 – © <https://www.geni.com/people/Thomas-Harlan/6000000010726579980>

FILMOGRAFIA

Costa, José Filipe (2020). *Prazer, camaradas!*. Terratreme.

Harlan, Thomas (1977). *Torre Bela*. Films Albatros & Società Cinematografica Italiana.

Harlan, Veit (1940). *O Judeu Suss*. Terra-Filmkunst.

Silva, Vítor (1975). *Torre Bela (Uma cooperativa popular)*. Vítor Silva.

Teles, Luís Galvão (1975). *Cooperativa Agrícola Torre-Bela*. Cinequanon & RTP.

BIBLIOGRAFIA

Aumont, Jacques & Marie, Michel (2003). *Dicionário teórico e crítico de cinema*. São Paulo: Papyrus.

Costa, José Filipe (2011). *Cinema forges the event. Filmmaking and the case of Thomas Harlan's Torre Bela*. Tese de Doutoramento: Royal College of Art, Londres.

Nichols, Bill (2010). *Introduction to Documentary*. Bloomington: Indiana University Press.

Schweitzer, Ariel (2011?). In *Cahiers du Cinéma*.

Terratreme (2012). *Linha Vermelha* [Dossier de imprensa]. Lisboa: Terratreme.

WEBGRAFIA

Arquivos RTP. <https://arquivos.rtp.pt/>

Casa Comum. Diário de Lisboa online. http://casa-comum.org/cc/diario_de_lisboa/

Debates Parlamentares. <https://debates.parlamento.pt/>

LINHA VERMELHA / JOSÉ FILIPE COSTA



Design e Paginação Luísa Lino
Revisão de Texto Marta Lisboa
PNC 2023

